



## Carnaval Rio 2018: representações na mídia e conversações polarizadas no Facebook

Raquel Timponi Pereira Rodrigues<sup>1</sup>

Alessandra Maia<sup>2</sup>

Tatiane Bomfim<sup>3</sup>

**Resumo:** Este artigo discorre sobre a emergência das polarizações discursivas em diferentes perfis do Facebook de *sites* veículos jornalísticos tradicionais, como o G1 e Carta Capital, que se tornaram recorrentes nas práticas de divulgação e conversação realizadas nas redes sociais *online* a partir de 2017 e 2018. Em um percurso teórico, elegeu-se, a título de exemplificação, as postagens geradas nestes veículos, a partir da cobertura midiática realizada pela TV Globo do carnaval Rio 2018, sobre o posicionamento político de uma escola de samba de tendência discursiva de esquerda (*Paraíso do Tuiuti*) e outra, de vertente ideológica direitista (*Beija-Flor*). Como resultado, os comentários simbolizam um movimento que se torna cada vez mais constante e corriqueiro nas formas de manifestação cultural das mídias sociais online: a oposição dos discursos nas redes digitais.

**Palavras-chave:** Discurso; polarização; carnaval; politização; mídias sociais.

### 1. Introdução

Este estudo tem por vista discutir a emergência das polarizações discursivas em diferentes perfis do Facebook de veículos jornalísticos tradicionais, como o G1 e a Carta Capital, que se tornaram recorrentes nas práticas de divulgação e conversação realizadas nas redes sociais online, e ganharam proeminência a partir de 2017 e 2018. Elegeu-se como forma metodológica de análise exploratória o tema do carnaval Rio 2018, a partir de exemplos de discursos e posicionamento político advindos de uma escola de

---

<sup>1</sup> Professora Adjunta do curso de Jornalismo, FACED, Universidade Federal de Uberlândia e do PPGCE UFU. Doutora em Comunicação Social pela ECO-Pós UFRJ. Email: raquel.timponi@ufu.br

<sup>2</sup> Pesquisadora de Inovação do LMD (Qualitec/Uerj); Professora Substituta do Departamento de Jornalismo, FCS/Uerj. Pós-doutoranda do PPGCOM/UFF. Email: alemontmaia@gmail.com

<sup>3</sup> Mestre em Comunicação e Tecnologias pelo PPGC da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Email: [tatybomfim83@gmail.com](mailto:tatybomfim83@gmail.com)

samba de tendência de esquerda (*Paraíso do Tuiuti*) e outra, de vertente ideológica de direita (*Beija-Flor*), escolas estas que obtiveram destaque midiático. A hipótese é que esse exemplo do carnaval e das escolas de samba reverberado nos veículos midiáticos tradicionais simbolizam a introdução de um movimento que se torna cada vez mais constante e corriqueiro nas formas de manifestação cultural das mídias sociais online: a oposição dos discursos nas redes digitais. Esse estudo traz reflexões teóricas e é a primeira parte de uma investigação comparativa, complementar a outro artigo, que enfatiza a cobertura midiática realizada pelos veículos independentes digitais, tomando como base o mesmo tema.

Em 2019, inspirado no conflito de opiniões sob o ponto de vista do dominante e do dominado, exposto nas mídias sociais, mais uma vez foi ressaltada a polarização discursiva no carnaval. Diferentemente da perspectiva de 2018, que levou a escola *Beija-Flor* a ser campeã e ressaltar a corrupção, sob o ponto de vista dos dominantes, em 2019 foi a vez das minorias e da história não oficial e da representatividade de heróis negros, mulheres e indígenas, que levou a escola Estação Primeira de Mangueira a conquistar o título do Carnaval do Rio de Janeiro 2019, destacando a expressão da vereadora do PSOL, Marielle Franco, vereadora do PSOL morta a tiros em março de 2018. Em 2020, o contexto da polarização político se estende à crise mundial da saúde e da economia, devido à pandemia ocasionada pelo COVID-19. No Brasil, a polarização<sup>4</sup> intensifica-se nos comentários de notícias de veículos jornalísticos, durante esse período, uma vez que a internet e as mídias sociais são o espaço de protesto possível da população, apesar da existência de grupo de manifestantes de extrema direita que sai de casa para promover aglomerações em espaços públicos, com o risco de contaminação e propagação da COVID-19.

Assim, o artigo tem como objetivo realizar uma reflexão teórica sobre os discursos polarizados, de esquerda e de direita realizados em perfis jornalísticos no Facebook, a partir da polêmica gerada na cobertura midiática de veículos tradicionais dos desfiles

---

<sup>4</sup> Observa-se em meio aos actantes da rede, um número crescente da atuação de *bots*, utilizados para a promoção do discurso de ódio, programados para reação de comentários de linhas de pensamento político distintas na dualidade direita/esquerda. Os estudos de Fábio Malini já indicavam essa ocorrência no período eleitoral de 2018 no Brasil, conforme publicação de notícias nos jornais El País. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2018/02/09/politica/1518209427\\_170599.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/02/09/politica/1518209427_170599.html) . Último acesso em: 15 mai. 2020.

de duas escolas de samba brasileiras, campeãs do carnaval 2018 do RJ, que representam discursos políticos sob pontos de vista diferentes: a *Paraíso do Tuiuti*, segunda colocada, e a *Beija-Flor*, campeã do referido ano.

Os desfiles das escolas de samba despertaram a atenção do público, gerando debate e oposição nos comentários sob o modo de cobertura dos veículos de comunicação, e a dimensão-política nos sambas-enredo, marcada por referenciais não sutis ao atual estado do Brasil, gerando engajamento por comentários e debates estabelecidos em *sites* de redes sociais. Ambas escolas abordaram no enredo problemas sociais do país. Porém a primeira representou a escravidão como raiz dos problemas que persistem nos dias atuais. Já a segunda realizou um relato da história do país pelos desvios morais, colocando a corrupção como um dos problemas centrais.

Desse modo, propõe um mapeamento no modo em que a construção da denúncia política foi realizada no carnaval de 2018 e apropriada por veículos de comunicação tradicionais. De maneira mais específica, busca observar as consequências de a *TV Globo*, por meio de seus narradores, ter se calado, no momento da transmissão de carros alegóricos que representavam conteúdos críticos, e, de outro lado, as narrativas nas redes sociais digitais terem se apropriado de discursos de esquerda para defender a superexploração do trabalho contida no enredo. Também é objetivo observar como ocorre a reverberação na apropriação desses discursos por parte da mídia e pelo público de grupos polarizados na mídia social Facebook, a partir de exemplos como os perfis do G1 e Carta Capital, e como esses discursos passaram a ser vistos como opostos e não como formas complementares de relatos dos problemas do país.

Para a realização da pesquisa foram mapeadas as notícias de sites de veículos tradicionais do país que tiveram maior compartilhamento na rede social *Facebook*, durante o período dos desfiles e até a apuração final das escolas, entre domingo, dia 11 de fevereiro de 2018 - quando a escola Paraíso do Tuiuti desfilou -, e a segunda-feira, dia 12 de fevereiro do mesmo ano, com a apresentação da Escola de Samba Beija-Flor. O interesse desse recorte, a título de exemplificação, foi medir como foi realizada a cobertura em paralelo, da mídia televisiva TV Globo, e como foi feita a cobertura entre sites que representam empresas de mídias tradicionais de posicionamentos distintos, como o G1 e Carta Capital.

Como consequência dos *posts* desses veículos observa-se o teor das narrativas tecidas pelo público nos comentários desses *posts* de notícias, divulgados pelo *Facebook*. As narrativas foram meras representações de pensamentos esvaziados de grupos políticos na forma de apresentação de seus discursos, se tornaram embates na internet ou tiveram visões complementares?

O artigo está dividido em três partes. No primeiro momento é realizado um breve levantamento teórico da presença do autoritarismo no discurso midiático (TIBURI, 2015), das conversações em rede (RECUERO, 2009), e da necessidade de abertura para o diálogo. Em seguida, apresenta-se o contexto político e a crítica social realizada pelas escolas de Samba do Carnaval Rio 2018. A terceira parte do artigo apresenta, a título de exemplificação, destaques de *posts* dos veículos G1 e Carta Capital, bem como comentários que geraram buzz e o fluxo de informações em outras mídias, com acesso realizado através dos perfis desses veículos no Facebook.

## **2. O autoritarismo no discurso midiático nas conversações**

Para abordar os discursos midiáticos dos jornais divulgados em mídias sociais, e reverberados nas conversações, é preciso retornar o contexto do ambiente dos *sites* de redes sociais que contribui para a disseminação das notícias, bem como a relação com o autoritarismo na composição do discurso midiático e na replicação das conversações.

Em artigo que trata do papel dos *sites* das redes sociais no jornalismo, a pesquisadora Raquel Recuero explica como algumas características inerentes a esse ambiente facilitam que as informações sejam facilmente replicadas, como: 1) o poder de difusão da informação, 2) o fator de filtro da informação e facilitador do acesso ao conteúdo (no caso de perfis de veículos jornalísticos reconhecidos) e 3) o papel de mobilização das pautas jornalísticas (pelo critério noticioso) (RECUERO, 2009).

Porém é nesse ambiente que assuntos polêmicos surgem a partir de recortes de pautas noticiosas de veículos tradicionais e, conseqüentemente, ocorre o fluxo de comentários produzidos e o autoritarismo presente nas falas e nas formas de radicalização do pensamento. Nesse cenário destaca-se o tom de ataque virtual, para além de um discurso de posição política e ideológica. Nesse sentido, Paulo Freire, na obra *Educação*

*como prática da liberdade*, ao tratar sobre a sociedade brasileira em transição, explica a ideia de sectarização para contrapor à noção de radicalização, que muito se aproxima dos dados que observados durante a coleta e análise, apesar do reconhecimento de que o contexto do autor era outro. Segundo Freire (1967, p. 50),

a sectarização tem uma matriz preponderantemente emocional e acrítica. É arrogante, antidialógica e por isso anticomunicativa. É reacionária, seja assumida por direitista, que para nós é um sectário de “nascença”, ou esquerdista. O sectário nada cria porque não ama. Não respeita a opção dos outros. Pretende a todos impor a sua, que não é opção, mas fanatismo.

Nesse mesmo sentido, igualmente ao falar dos argumentos que comumente inflamam ódio e intolerância, a autora contemporânea Márcia Tiburi (2015) explica que os pensamentos radicais são fruto da ausência do diálogo e a defesa do pensamento vazio, irreflexivo. Para Tiburi, a política se define como experiência de linguagem e a qualidade dessa experiência pode unir ou separar pessoas. Nesse aspecto, o ser político se forma nos atos de linguagem. Desse modo, o autoritarismo é, para a autora, o empobrecimento desse sistema de linguagem, a interrupção pelo empobrecimento das condições de diálogo - mecanismos, na forma de dispositivos criadores de hábitos, que impedem as práticas de diálogo, criados por racionalidades que operam na linguagem.

Por outro lado, o diálogo, ato linguístico complexo, seria capaz de promover ações de transformação em diferentes níveis, como prática da não violência (TIBURI, 2015, p. 23). Porém, Tiburi explicita que o diálogo é impossível quando se perde a dimensão do outro. Essa relação é explicada pela autora pelo exemplo da figura do fascista, na medida em que não consegue se relacionar com outras dimensões que ultrapassem suas verdades absolutas. Assim a falta de abertura, que corresponde a um ponto de vista fixo, serve de certeza contra pessoas que não correspondem à sua visão de mundo pré-estabelecida.

Neste sentido, no cotidiano os sites de redes sociais são a maneira mais imediata de fazer operar o afeto, mas, ao mesmo tempo, também podem ser perigosos, ao disseminar ódio e eliminar o diálogo. Ao abordar que os riscos do fascismo estão disseminados nas falas cotidianas que não consideram a opinião do outro e que o autoritarismo está presente no dia a dia, Tiburi relata como o recrudescimento do autoritarismo volta à cena e traz à tona a fala fascista como elementos das práticas habituais da vida cotidiana

(TIBURI, 2015). Mais especificamente a autora explica que existe uma potência da sociedade em inviabilizar a consciência, pautada na personalidade autoritária presente no dia a dia, nos consumismos de linguagem e no hábito de reprodução de pensamentos previamente construídos, sem uma reflexão prévia.

Nesse sentido, como um hábito de reprodução de pensamento, como a linguagem disponível é a língua de todo mundo, senso comum que utilizamos para nos comunicar e nos expressar em sociedade funcionam como jogos de linguagem. Não existe um jogo único que possa ser jogado por todo mundo. Mas existe um jeito de reunir jogos e que constrói o comum: o diálogo.

Por isso, como forma de propor uma fuga ao hábito da radicalização de oposição, a autora propõe a importância de se pensar a política como experiência de linguagem, e que esta deve estar presente na vida comum por meio do exercício do diálogo, da argumentação. Mais especificamente, é necessário o encontro entre o Eu e o Tu, as trocas dialógicas para a construção democrática, o que não acontece nas conversações polarizadas em rede.

Tiburi então sugere um método para tratar desse fenômeno e romper com as ideologias radicais, para se conseguir operar mentalmente e afetivamente no regime democrático, reconhecendo o Outro e defendendo os direitos, de forma a ampliar o espaço para o Outro em sua totalidade, como uma arte de resistir.

É preciso exercitar a filosofia com as pessoas, insistir em uma filosofia em comum, que não seja simples consenso, mas a coragem do diálogo. O diálogo não surge sem esforço, que de tão complexo, equivale a um método, de tão difícil, equivale à resistência, de tão potente, equivale a transformação social em seu nível mais estruturador. A formação da subjetividade para o diálogo importa quando desejamos uma sociedade democrática. O diálogo é a forma específica do ativismo filosófico (TIBURI, 2017, p. 5).

A partir da linguagem dialógica, o pesquisador Muniz Sodré (2002) explica que a atuação do Estado é muitas vezes ausente e por isso, entende que uma forma de controle da violência ocorra por meio de uma ação comunitária que utilizaria a ação solidária como um método, o que possibilitaria, de alguma forma, o controle ou a amenização da violência. O autor retoma a importância da questão da linguagem:

a linguagem não é apenas designativa, mas principalmente produtora de realidade. A mídia é, como a velha retórica, uma técnica política de linguagem, apenas potencializadora ao modo de uma antropológica política – quer dizer, de uma técnica formadora ou interventora na consciência humana – para requalificar a vida social, desde costumes e atitudes até crenças religiosas, em função da tecnologia e do mercado (SODRÉ, 2002, p. 26).

Para isso, faz sentido compreender como foram feitas as representações do contexto político pelas escolas e as apropriações desse discurso pela política editorial dos veículos midiáticos tradicionais.

### **3. Carnaval Rio 2018: o contexto político dos enredos das escolas**

A atual conjuntura da crise financeira do Brasil foi determinante para o processo de escolha de temáticas políticas para o carnaval de 2018 na cidade do Rio de Janeiro, como instrumento de denúncia, por meio do humor e de alegorias. Para além dos corpos e da nudez, o espaço da avenida foi utilizado sob diferentes pontos de vista e a crítica acabou sendo apropriada por veículos jornalísticos de comunicação, para representar discursos políticos. O fato gerou uma polarização discursiva e a propagação de alguns argumentos políticos, por parte da esquerda e da direita.

Como representação de diferentes olhares da política e de diferentes vozes, três escolas trataram da temática da política. Porém as duas escolas de samba que tiveram maior repercussão na mídia foram: 1) Paraíso do Tuiuti, que desfilou no Grupo Especial no primeiro dia, domingo, 11 de fevereiro de 2018, e 2) Beija-Flor de Nilópolis, que desfilou na segunda-feira, 12 de fevereiro de 2018, um dia após a Tuiuti. O discurso da Tuiuti representou a voz do povo, pelo ponto de vista da minoria, dos excluídos, e dos descendentes da escravidão. Já a escola Beija-flor, representou o ponto de vista da classe média. Com abordagens históricas distintas sobre a formação e crítica social brasileira, apesar de complementares, abriram caminhos para embates nas mídias digitais e no *site* da rede social Facebook.

A primeira escola, Paraíso do Tuiuti, tradicionalmente escola do 2º grupo (de acesso), subiu para o grupo especial em 2017, mesmo ano em que se envolveu em grave acidente com um carro alegórico que se desgovernou e matou uma jornalista entre as



grades da passarela, além de deixar 20 feridos<sup>5</sup>, o que foi retratado na mídia tradicional do ano anterior como a “tragédia no sambódromo”. A Paraíso do Tuiuti elegeu como enredo o tema dos 130 anos de abolição da escravatura para questionar: “está extinta a escravidão?” A crueldade, o realismo, e a honestidade política e cultural foram retratados pela denúncia da violência da escravidão que chega aos dias de hoje, disfarçada de uma “escravidão modernizada”. A forma de domínio e a manipulação de alguns grupos foram demonstrados pela representação da Ala dos “manifestoches”, que criticou a população de classe média que se iludiu ao fazer protesto na Avenida Paulista contra a corrupção, vestidos de verde e amarelo com a camisa da seleção brasileira, em trajes de pato, uma clara referência ao controle de uma “mão maior” que representou, no período, a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp). A imagem de um vampiro presidente, inspirado no ex-Presidente do Brasil Michel Temer (que à época comandava o país) também trouxe a metáfora da população que temia pela retirada pelos direitos trabalhistas conquistados, com a reforma das Leis Trabalhistas, que acabou por ser consolidada no ano posterior, em 2019. Em um desfile contra o retrocesso, ao dizer “não sou escravo de nenhum senhor” em seu enredo, a escola representou o grito pela liberdade do escravo, antes amordaçado, que representa a denúncia da indignação da exploração do trabalho e da manipulação velada, comum no cotidiano.

A apresentação de um desfile que fugiu da visão estereotipada histórica da escravidão, demonstrou o esforço de emancipação cultural para exibir um ponto de vista contra-hegemônico das classes abastadas, próprio da população que se viu escrava por tanto tempo e hoje ainda se mantém metaforicamente “escravizada” nas relações propostas de exploração do trabalho.

Já a Escola Beija-Flor de Nilópolis apresenta em seu histórico o fato de ter sido patrocinada durante vários anos com o apoio da Rede Globo de Televisão. Essa escola também tem em seu histórico o costume de representação dos enredos pela visão de quem a patrocina. No ano de 2018, teve como enredo a corrupção, porém sob o ponto de vista da crítica, a partir de uma temática ampla, sem apontamentos direcionados a episódios específicos.

---

<sup>5</sup> Devido à circunstância da tragédia, a Tuiuti e outra escola, a Unidos da Tijuca, que também se envolveu em um acidente de um carro em 2017 que despencou no meio da avenida, não foram desclassificadas e tiveram a oportunidade de realizar desfile no grupo especial em 2018.



Em sua abordagem, destacou os temas midiáticos da corrupção, com a representação em fantasias dos “ratos do congresso”, da violência no Rio de Janeiro advinda de todo lugar (na escola, na comunidade, assaltos em um dia de passeio), trazendo contextos de assuntos que foram debatidos na mídia e pautas políticas noticiadas nos grandes jornais. Todavia a abordagem da temática ocorreu por uma perspectiva geral dos casos de corrupção e pelo aspecto judiciário.

Com o enredo “Os filhos abandonados da pátria que os pariu” - a escola de samba de Nilópolis, RJ, relatou a história do país pelos desvios morais, o assalto aos cofres públicos, colocando a corrupção como um dos problemas centrais, bem como destacou as diversas formas de discriminação. A partir de um enredo metafórico dos 200 anos da criação do Frankenstein, o Brasil foi representado como a figura do monstro, local dos desvios morais e éticos, porta-voz da corrupção. Em uma história sobre o ponto de vista dos desvios morais, “santinhas de pau oco” foram retratadas de um período quando eram usadas para sonegar impostos da coroa no ciclo da mineração; ratos que integram a quadrilha do poder; roedores dos cofres públicos abrem caminho para a Petrobrás e para os corruptos nos carros alegóricos, tomados pela criminalidade. Metáforas como o edifício da estatal transformar-se, aos poucos, em uma favela, na pobreza, como consequência da corrupção e o como o saque da Petrobras, acompanhado por corruptos com panos nas cabeças, em alusão à “farra dos guardanapos”, assuntos da política em pauta nos principais jornais de grandes veículos à época, são a forma de retratação sob o aspecto mais amplo das temáticas. Junto a essa estratégia, alegorias contra a intolerância e o preconceito – xenofobia, discriminação, feminicídio - foram utilizadas também como violência simbólica contra as minorias, realizando um entrecruzamento do olhar das escolas, apesar de estarem sob pontos de vista distintos.

Como resultado, a escola Beija Flor de Nilópolis foi a campeã. Em segundo lugar ficou a escola Paraíso do Tuiuti, que porém representou a vitória do povo, de acordo com a manifestação nos posts analisados. Após os desfiles e antes da apuração do resultado, os comentários nos *sites* das redes sociais eram de que os jurados deixariam a escola do povo em último lugar na classificação.

Assim, faz sentido destacar alguns exemplos da forma de construção narrativa de textualidades e conversações geradas a partir da cobertura midiática da TV Globo

sobre o Carnaval do Rio 2018 e como esta foi apropriada pelo público e por veículos de sites de jornalismo tradicionais como o G1 e a Carta Capital, gerando debates polêmicos na disseminação do discurso nos principais veículos de informação e comentários via *sites* de redes sociais.

#### **4. A censura na cobertura midiática da TV Globo e a reação em rede de outros veículos tradicionais**

Durante a cobertura oficial do evento do carnaval por veículos audiovisuais tradicionais, um fato teve destaque. Na transmissão ao vivo do desfile da Sapucaí no Rio de Janeiro, a *Rede Globo* de TV ignorou o discurso político da escola *Paraíso do Tuiuti* sobre a crítica da escravidão que persiste nos dias atuais nas formas de exploração do trabalho e no dia seguinte, por outro lado, defendeu abertamente o discurso contra a corrupção da escola Beija-Flor de Nilópolis, voltado ao politicamente correto, sem denunciar nomes, o que se pode considerar mais próximo à ideologia da classe média.

Na ocasião, durante o processo de cobertura ao vivo da escola *Paraíso do Tuiuti*, observou-se um silenciamento dos apresentadores, a falta de foco das câmeras nos carros alegóricos da escola, bem como o uso de narrativas generalizadas, para não expor o discurso mais próximo de uma visão de esquerda. Para reavivar a memória, é possível perceber que o silenciamento ocorreu no momento em que as câmeras captavam o carro alegórico da mão manipuladora da mídia, controlando manifestantes paneleiros vestidos com a camisa da seleção brasileira, uma alusão aos protestos contra a corrupção que ocorreram em 2016 no Brasil, nota-se uma crítica direta à Rede de TV Globo que, para a esquerda, apoiou o golpe do mesmo ano, como elemento para incitar a deposição da presidente Dilma Rousseff, escondendo intenções políticas do congresso em relação ao plano de judicialização da política.

Após a cobertura ao vivo, a *TV Globo* na transmissão dos melhores momentos também concedeu um tempo total de exibição diferente para os desfiles de cada escola. Um tempo curto foi dado à escola Tuiuti em relação ao privilégio dado às demais escolas – 35 segundos de exibição em relação ao resumo de em média de um minuto dos melhores momentos em comparação às demais escolas. Esse elemento foi captado pela impressão do público nos *sites* de redes sociais, que teceu críticas contra a emissora.

Nesse aspecto, as narrativas dos *sites* de redes sociais parecem ter se apropriado de discursos de esquerda para defender a postura de interpretação histórica acadêmica da Tuiuti sobre a preservação do sistema escravagista e da superexploração do trabalho.

Ainda com relação à cobertura midiática de *sites* tradicionais, destacou-se a polémica gerada na rede a partir de uma pesquisa de opinião do portal *Uol*, divulgada nas redes sobre qual escola deveria ser a ganhadora. O motivo foi que, após a pesquisa apresentar já no primeiro dia predileção pela escola de samba *Tuiuti*, o portal zerou a pesquisa quando a escola *Paraíso do Tuiuti* contava com 92% de predileção do público, alterando o resultado para 18,13%, com intuito de inverter a predileção pela escola de samba *Beija-Flor*. O fato se configurou como censura do público, deslegitimação dos critérios éticos jornalísticos e da credibilidade e seriedade do veículo, gerando ainda maior embate nas redes sociais e nos comentários dos usuários em veículos de direita e esquerda. Porém, ainda assim, segundo registro de matéria do mesmo portal *Band. Uol* o fluxo de conteúdos disseminados nas redes sobre a escola trouxe a seguinte manchete: “Tuiuti virou um hit – foi parar no primeiro lugar dos *trending topics* do Brasil”.

Assim, após a contextualização da cobertura midiática da Rede Globo, é preciso compreender como os veículos G1 e Carta Capital produziram conteúdos em posts e como ocorreu a reverberação desses conteúdos em forma de comentários no site da rede social Facebook.

A partir da reflexão teórica apresentada, como exemplificação, a pesquisa realizou a posteriori um estudo de caráter descritivo-analítico, com abordagem qualitativa, que tem como base as técnicas do estudo de caso, somado à análise de conteúdo (Bardin, 2009), seguindo a composição de um método misto proposto pela pesquisadora Raquel Recuero (2015), aplicado em sites de redes sociais.

O processo foi realizado nos perfis do G1 e da Carta Capital, via Facebook. Após a realização da busca pelas palavras-chave, foram apresentados resultados pelos filtros: 1) geral, 2) por fotos e 3) por vídeos. Critério de seleção pelos filtros do *Facebook* foram os *posts* mais comentados, com maior número de reações e compartilhamentos. Os *posts* com maior número de comentários e respostas em cima de comentários foram selecionados, bem como acessados os escritos pela ferramenta de “comentários mais relevantes” que possuíam maior número de respostas, traçando categorias temáti-

cas e realizando a análise interpretativa a partir do contato das pesquisadoras com esse extrato de informação (imagem e texto postado na plataforma, vídeo e linguagem dos repórteres, uso de *hashtags*, bem como o padrão de respostas de cada *post*).

Contudo, reconhece-se que algumas informações podem fugir das principais temáticas encontradas a partir das interações, compartilhamentos e reações do público, que difere de uma coleta feita a partir da teoria dos grafos. Assim foram traçadas categorias de temas recorrentes.

A partir do método de análise, realizou-se uma observação categorizada das análises de discurso das Escolas Campeãs no Carnaval de 2018. As *fanpages* dos veículos *Carta Capital* (revista eletrônica de esquerda), do portal *GI* (portal noticioso de direita) foram observadas no período do Carnaval de 2018, nos dias 11 e 12 de fevereiro, datas entre os desfiles das escolas de samba, e o dia 14, data da divulgação do resultado da campeã do carnaval.

O *GI*, portal de Notícias da Organização Globo, destacou a escola Beija-Flor de Nilópolis, RJ, sob o ponto de vista de tratar a corrupção por uma temática ampla, sem apontar nomes e/ou os problemas de forma mais reflexiva. Realizou uma análise pelo todo, por temáticas. Entre os *posts*, destacou-se uma matéria divulgada após o desfile da escola Tuiuti, que apresentava a fotografia de um presidente vampiro, e o texto na *fanpage* do *GI* via *clickbait*: “Escola do Rio com enredo sobre escravidão leva presidente vampiro à avenida. Componente da Paraíso do Tuiuti não confirma se referência é ao presidente Michel Temer. Será?” Essa manchete demonstra a postura de distorção discursiva do veículo, tentando ludibriar o leitor do *GI*, ao não afirmar que a figura representada na fotografia do desfile de um presidente vampiro se referia ao presidente Michel Temer.

Já a *Carta Capital*, por sua vez, atuou como representante exclusiva da esquerda, não apresentando nenhuma matéria sobre a escola Beija-Flor. Nos *posts* apenas foram encontrados pontos de vista sobre a Escola Tuiuti, sem nenhuma abordagem ou contextualização histórica da escola, como a tragédia que ocorreu no ano anterior ou de outra escola de samba. A ação sensacionalista do *GI* foi criticada pelo público e gerou comentários no *Facebook* e *Twitter*. As opiniões não se restringiram às postagens nas *ti-*

*melines* dos veículos, pois reverberaram para outros veículos o posicionamento da *Carta Capital* e do *G1*, pelo enquadramento dado à notícia.

Um exemplo dessa reverberação é o fluxo da informação em *post* semelhante que ocorreu na Revista Fórum, também veiculado no Facebook. Nele os xingamentos foram ainda mais ostensivos na rede, entre oposição de direita e esquerda e disseminação do discurso de ódio. São destaques as palavras: pato pateta, quá quá, ridículos, coxinha, babaca.

## 5. Reflexões finais

Como resultados dos veículos tradicionais que divulgaram informações em *sites*, chegou-se à conclusão de que o tratamento dado pelo veículo de comunicação G1 destacou predominantemente o lado da escola Beija-Flor, apresentando um lado do politicamente correto, de uma manifestação de temática contra a corrupção porém não apondo nomes: a fala enfatiza os ratos do congresso, retorna a elementos de pautas jornalísticas e denúncias, porém sem citar nomes e sem colocar o dedo na ferida. Expõe a temática da violência também presente em todo o lugar na cidade (na escola, em um passeio).

Já a Carta Capital, apesar de ser um veículo de esquerda, pelo fato de representar a mídia tradicional também, não gerou tanto engajamento, talvez pelo fato de a existência de veículos alternativos e independentes, naturalmente, gerarem maior engajamento, pelo fato de os usuários terem maior tendência a compartilhar informações que sigam uma vertente ideológica semelhante ao que pensam. Desse modo, como os veículos tradicionais têm o foco principal em transmitir a informação de forma mais objetiva e não interpretativa, primando pela precisão, acredita-se que o mesmo caso tenha outra reação do público em veículos independentes, o que é fruto de outro artigo em produção sobre a temática do Carnaval Rio 2018.

Ainda como impressão, observou-se que os veículos se apropriaram de discursos de interesse às suas políticas editoriais, não recortando o ponto de vista da outra escola. Também se observou que os veículos tradicionais não tiveram muitos comentários, por não ser de sua natureza o engajamento como elemento fundamental.

Apesar de essa ser uma exemplificação de objetos para a abordagem de uma reflexão teórica, acredita-se que as produções jornalísticas via *web* possam permitir um mapeamento e a realização de estudos futuros sobre discursos de ódio nos sites de redes sociais. Sobre a temática, ainda que, o carnaval seja um festejo cultural e de reflexão, algumas versões *online* de veículos jornalísticos ao enquadrarem o que era exposto na Sapucaí, acabaram por cristalizar determinados sentidos em detrimentos de outros, o que exige uma competência crítica e memória para entender o processo discursivo como um todo.

Dessa forma, ao destacar como determinados enquadramentos promovem processos discursivos que parecem naturalizados por alguns veículos, o artigo demonstra como um veículo busca em sua seleção da informação uma maneira de ordenar os sentidos, muitas das vezes com o intuito de gerar um “falso” efeito de transparência.

## Referências

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

GSHOW. **Aprovado**: Programa local da Rede Bahia. Disponível em: <http://gshow.globo.com/Rede-Bahia/Aprovado/noticia/2016/06/marcia-tiburi-faz-uma-analise-sobre-o-discurso-fascista.html> acesso em: 21 de maio 2018.

RECUERO, Raquel. Redes Sociais na Internet, Difusão de Informação e Jornalismo: Elementos para discussão. In: SOSTER, Demétrio de Azeredo; FIRMINO, Fernando (org.). **Metamorfoses jornalísticas 2**: a reconfiguração da forma. Santa Cruz do Sul: UNISC, 2009. Disponível em: <http://www.raquelrecuero.com/artigos/artigoredesjornalismorecuero.pdf>. Acesso em: 7 mai. 2018.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do Espelho**: Uma Teoria da Comunicação Linear e em Rede. Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 2002.

TIBURI, Márcia. **Como conversar com um fascista**: reflexões sobre o cotidiano autoritário brasileiro. Rio de Janeiro: Editora Record, 2017.